

UMA ABORDAGEM À EXPERIMENTAÇÃO E À CRIATIVIDADE PELO SERVIÇO EDUCATIVO DO MUSEU NACIONAL DE ETNOLOGIA

Sandra Silva
Serviço Educativo, Museu Nacional de Etnologia

Este encontro tem como tema central a educação artística no contexto educativo português, reconhecendo desde logo a sua legitimidade e crescente relevância no processo de ensino dos indivíduos. Assim, e tal como os outros campos disciplinares, as artes são dotadas de práticas e de ferramentas diferenciadas e, de igual modo, contribuem para o enriquecimento dos currículos. Porém, o seu domínio prevê uma área de actuação mais atenta ao exercício da experimentação e da criatividade.

É nestas duas noções - experimentação e criatividade - que a presente comunicação se centra, destacando a importância destas no processo educativo de um indivíduo, e que permitem ao próprio participar na sua formação/identidade (social) e tornar-se num ser original, autónomo e criativo, actualmente e cada vez mais atributos pessoais valorizados.

O exemplo a enunciar tem como contexto de trabalho o sector do Serviço Educativo (SE) do Museu Nacional de Etnologia (MNE) que, num caso concreto, adopta a abordagem da expressão plástica para explorar um conjunto de objectos - *panelas* - pertencente ao universo dos índios Wauja, um grupo indígena da Amazônia que se encontra representado nas reservas visitáveis deste Museu. A iniciativa em destaque intitula-se *Panelas Cantoras*, e é constituída por uma visita guiada e por uma oficina de expressão plástica, cujos conteúdos pretendem ser educativos e centrados no desenvolvimento do exercício da experimentação e da criatividade pessoal, não só dos participantes mas também do próprio sector do Serviço Educativo.

Nos últimos anos os museus assumiram uma postura diferente na sua acção educativa. Ultrapassada a ideia que a cultura se destina a uma minoria privilegiada, as colecções e os espaços que as albergam são reflectidos continuamente agora também em prol da formação dos indivíduos em geral. Esta mudança tem-se manifestado na construção e na adaptação dos edifícios, na formação de novos serviços e técnicos e na formulação de interesses que consideram a forma como os objectos são apreendidos pelos visitantes, excedendo assim as preocupações centradas apenas numa colecção, num investigador ou numa disciplina.

Esta nova orientação tem sido personalizada pela emergência de Serviços Educativos que têm como objectivo principal dar a conhecer as colecções a um público cada vez mais numeroso e diversificado. Este desejo obrigou os museus a repensar o conceito de público, verificando que é uma categoria volúvel, com contornos múltiplos e dinâmicos, que requer acções educativas adequadas. No âmbito desta discussão também a expressão *público em geral* (muitas vezes de uso generalizado na divulgação das acções) torna-se, pela sua ilimitação, numa categoria imprecisa, que não pode determinar uma acção educativa concreta e, por isso, participar de forma intrínseca na educação dos indivíduos. Perante estas constatações, os museus sabem que é impossível abarcar todos os públicos, e têm consciência que é preciso arriscar e inovar nas propostas educativas e que estas estão intimamente ligadas ao conhecimento e à delimitação de públicos específicos. No entanto, não basta definir o público-alvo, é necessário também identificar qual o desígnio da educação.

Por educação pode entender-se a aquisição de conhecimentos ou competências que permitem a integração de um indivíduo numa comunidade, e que lhe confere ferramentas para desempenhar determinadas tarefas ou solucionar situações adversas. Há relativamente pouco tempo, educar era considerar o indivíduo como um receptáculo de informações, que recebia conhecimento daquele que sabe (do docente, do educador). Actualmente porém a filosofia da educação caminha noutra direcção.

A aquisição do saber não deve limitar-se à existência de um locutor (aquele que transmite). E, mesmo que o êxito do ensino tradicional vingue pela firmeza da repetição e da memorização por parte daquele que recebe a mensagem, educar deve pois garantir a integração do indivíduo na sociedade transmitindo-lhe um *background*, mas

deve também fomentar e tornar aptas a sua individualidade, a sua autonomia e a sua criatividade na realidade social. Assim, a educação tem necessariamente que contemplar a experimentação individual, proporcionando e inculcando a cada um de nós a vontade de testar e encontrar pessoalmente o significado das coisas, sendo que os resultados adquiridos aferem e conferem conhecimentos e competências adaptadas por cada um a si próprio.

Este processo dá ao indivíduo um papel activo (e por isso novo) na sua formação, dotando-o de um sentimento de valorização pessoal e de autoconfiança, com predisposição para formular novas experiências e, conseqüentemente, produzir novas práticas e ideias, ou seja, prepara-o como um ser criativo.

A iniciativa *Panelas Cantoras* é um exemplo que julgo pertinente, pois permite conhecer um conjunto de objectos de uma colecção do MNE e, paralelamente, propõe fazê-lo de uma forma educativa, promovendo o campo da experimentação e da criatividade pessoal. A actividade, a decorrer desde Junho de 2007, dirige-se ao público escolar infanto-juvenil, é constituída por uma visita guiada, seguida de uma oficina de expressão plástica, e foi planeada no âmbito de dois estágios curriculares de finalistas do curso em Educação de Infância, da Escola Superior de Educação de Infância Maria Ulrich que se realizaram no Serviço Educativo do MNE.

Descrevendo de uma forma detalhada, a concepção inicial do projecto foi caracterizada por um período de pesquisa, durante o qual se reuniu e sistematizou informação de apoio sobre o conjunto de objectos e o contexto etnográfico em destaque, isto é, sobre as panelas dos índios Wauja da Amazónia. Esta fase recorreu a fontes bibliográficas e outros registos documentais disponíveis na Mediateca e Arquivos vários do Museu, e foi também desenvolvida com a colaboração dos responsáveis que organizaram a reserva e, quando possível, com os colectores e técnicos que estão associados ao estudo e ao inventário dos objectos.

O planeamento da visita guiada e da oficina de expressão plástica implicou também uma pesquisa bibliográfica. Durante esta fase definiram-se linhas de abordagem que permitem ao longo da actividade apresentar a temática central, e outras que se distinguem e ramificam sucessivamente. As primeiras linhas permitem conhecer de forma imediata e empírica os objectos. As segundas, no plano da visita, desafiam à compreensão dos mesmos pela via do diálogo, através da comparação com a própria realidade das crianças; e, no plano da oficina, desafiam à criação de um objecto

(recipiente ou outro) tendo como factor de motivação as panelas de barro dos Wauja. É este desdobramento de ideias e de práticas que o Museu procura desenvolver e, desta forma, utilizar a suas colecções e com estas promover a aquisição de conhecimentos e competências entre as quais a habilidade de reflectir, experimentar e estimular a produção de novos conhecimentos.

A visita obedece a um percurso, prevendo a passagem por determinadas áreas com especial incidência nos objectos a mostrar, assinalando-se a diferença que existe entre uma reserva e uma exposição. Em seguida, e de forma breve, são apresentadas as *Galerias da Amazônia*¹, a proveniência geográfica dos objectos ali reunidos e os núcleos temáticos que determinam a organização do espólio. As *panelas* são depois mostradas como fazendo parte do núcleo temático “Quotidiano” e pertencendo à colecção do grupo indígena Wauja.

A colecção em causa foi reunida em 2000 pelo antropólogo brasileiro Aristóteles Barcelos Neto e é constituída por 578² objectos que se distribuem por outros núcleos temáticos. Os índios Wauja habitam a aldeia *Piyulaga*, situada na região do Alto do Xingu, e são conhecidos por serem excelentes ceramistas. Um dos tipos de objectos que produzem são as panelas, e o domínio desta arte é explicado pela personagem *Cobra-canoa Kamalu Hai* - um *apapatai* ou *yerupoho*, isto é, um ser sobrenatural, extra-humano - que segundo o mito desceu o rio Batovi com as panelas cantoras em cima, e ensinou os Wauja a fazerem panelas com “*cocó de cobra*”, ou seja, com barro.

As panelas são feitas com *kamalu* (barro), ao qual acrescentam ainda pó de uma espécie de esponja, e têm dimensões que variam entre os 30 e os 80 cm de diâmetro. As panelas grandes apresentam um corpo cilíndrico; as pequenas têm um formato semelhante, mas são zoomórficas, apresentando no bordo destaques alusivos à forma de animais da floresta (representando a cabeça, os membros e a cauda). O interior destes artefactos é pintado a preto (um pigmento vegetal), e o exterior a vermelho (um pigmento mineral ou vegetal) ou branco (um pigmento mineral). No exterior, as paredes e a base são decoradas com motivos gráficos, delineados a preto. Estes motivos correspondem a terminologias locais, como por exemplo: dentes de piranha, espinha de peixe, jibóia, planta aquática, entre outros. Os motivos geométricos são consideradas invenções dos seres sobrenaturais que são transmitidos aos xamãs

¹ Este sector de reserva está aberto ao público desde o início de 2006, reunindo aproximadamente 1800 objectos dos vários grupos indígenas da Amazônia. As primeiras colecções foram recolhidas nos meados do século passado.

² Nas *Galerias da Amazônia* existem outros artefactos Wauja recolhidos por Victor Bandeira nos anos 60, entre o grupo Kamayurá, e outros comprados pela Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses em lojas Artindia que foram oferecidos ao MNE em 2003 após a extinção daquela comissão.

através do sonho e do transe, e uma vez divulgados podem ser usados por todos nas suas composições gráficas.

As *panelas* participam em inúmeros aspectos da vida dos Wauja: surgem como bens de troca nas relações comerciais com outros grupos indígenas vizinhos, com os museus nacionais e estrangeiros e com as lojas de artesanato de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília; têm lugar em alguns rituais do grupo; são utilizadas como recipientes para processar, cozinhar e guardar os alimentos; e as mais pequenas servem para guardar condimentos ou são utilizadas como brinquedos.

Paralelamente, ao longo da visita são assinalados outros artefactos relacionados com as panelas e com o núcleo “Quotidiano”, como os *torradores de beijú*, os *apoios de panelas*, a fim de ajudar a conhecer melhor o contexto em causa.

Parte da informação sobre as panelas e os Wauja é indicada explicitamente pelo guia, mas outra é evidenciada através do diálogo com os participantes que são conduzidos a descobrirem eles próprios, por exemplo: Onde estão as panelas? Para que servem? Quais as mais bonitas? Que outros objectos estão implicados no uso de uma panela? Porque existem panelas de diferentes tamanhos? Qual o significado dos motivos decorativos e por que razão se decoram os objectos? E todas estas questões são colocadas de igual modo em relação à nossa realidade.

Esta abordagem é um convite à participação, uma vez que não dar respostas e formular questões é uma forma de estimular a imaginação. É necessário incentivar e dar espaço ao contributo de cada um, permitindo desenvolver a autoconfiança, a capacidade para observar, reflectir e produzir ideias próprias. Todos os comentários são aceites, mesmo os que não surgem directamente a propósito. Não há respostas certas, nem erradas; há que valorizar a participação e as competências de todos. Por vezes, é notada alguma inibição inicial que advém do facto de o guia e as crianças não se conhecerem, da adaptação ao espaço e da liberdade de actuação inerente à abordagem sugerida.

Tal como já foi referido, a descoberta dos objectos é acompanhada também por um exercício de comparação com a nossa própria realidade, que se revela uma estratégia muito útil por dois motivos: primeiro, porque permite a compreensão de conceitos abstractos; e, segundo, porque evidencia o facto de todas as culturas serem comparáveis e próximas na intenção com que constroem as suas instituições, relações sociais e até objectos, mantendo a diversidade que manifestam entre si. Nesse sentido,

as questões sobre os objectos wauja são articuladas com outras que fazem a ponte com a nossa realidade, permitindo desta forma aos participantes se auto-conhecerem e também compreenderem melhor o universo do grupo indígena.

Depois da visita guiada, a segunda parte propõe de igual modo uma prática pedagógica mas também lúdica e que dá lugar à experimentação empírica. A actividade decorre numa sala diferente, e durante o percurso até lá os participantes são informados que irão modelar objectos, embora não lhes seja dito qual o material que irão usar.

Sem querer recriar a produção das *panelas* dos Wauja, a possibilidade de modelar com as mãos um objecto surgiu-nos como uma experiência muito válida pois permitiria a cada um imprimir e exprimir formas. Porém, no momento da escolha do material, o barro por si só não nos pareceu suficientemente estimulante, uma vez que, por um lado, seria uma opção muito próxima da realidade dos Wauja e, por outro lado, a maioria das crianças já o conheceria, e, mesmo que nunca o tenham trabalhado, certamente já teriam tido contacto com objectos feitos com esta matéria. O barro a ser escolhido teria que ser combinado com outro(s) elemento(s) que aumentasse(m) o interesse em querer trabalhá-lo e criar a partir dele.

Quando chegam à sala, as crianças sentam-se em cadeiras frente a uma bancada de trabalho. E numa outra mesa de apoio, dentro do alcance visual de todos, a monitora termina a preparação do material que será utilizado para modelar. A massa pão foi a opção escolhida. A massa resulta da mistura de três ingredientes, em quantidade doseada: farinha, sal e água para dissolver os primeiros elementos. O resultado desta mistura provoca algum espanto entre as crianças, uma vez que existe alguma familiaridade com estes ingredientes, que advém de um outro contexto de uso.

A massa é apresentada com a forma de uma base circular alta, e para suscitar ainda mais o interesse é colorida com um pigmento, cuja cor varia em cada sessão. Numa das sessões foi admiravelmente compensador ver as crianças deslumbradas porque a massa adquiriu uma tonalidade semelhante à do sabão azul e branco, devido ao facto de a tinta azul ter sido adicionada depois da massa preparada (e não dissolvida previamente com a água).

Durante o processo de modelação que é feito individualmente, pede-se ao grupo (sem haver qualquer interrupção) que relembre os ingredientes que compõe a massa, e que sugira também outros componentes que possam ser adicionados ou alternativos à

tinta. As respostas começam por ser escassas mas depois surgem em catadupa, e algumas das sugestões são: folhas ou flores secas e aromáticas; missangas; papel; pedras; aparas de lápis de cor e de cera; raspas da casca de citrinos; especiarias.

A textura e a plasticidade da massa são também qualidades agradáveis ao tacto; e, se não se adicionar qualquer tinta, a massa pode ser provada ou mesmo ingerida. Ainda a propósito do tacto, entre aqueles que hesitam dar alguma forma à massa é frequente vê-los a passá-la entre as mãos, explorando-lhe a plasticidade e tentando intuir a noção exacta daquilo que é possível fazer. Em todas as sessões realizadas, verifica-se que há um período inicial de exploração do material, e que o impasse em modelar se deve à novidade do desafio e às características palpáveis da massa. Mas, por outro lado, estes factores, ou seja, o facto de estarem perante um material diferente e saberem que a partir dele é possível extrair uma forma, convida-os a criar.

Na maioria dos casos, os primeiros trabalhos resultam em recipientes circulares, semelhantes às *panelas*, sendo depois durante a pintura que surgem técnicas e motivos decorativos pessoais. Recordo aqui o exemplo de uma criança com 11 anos que depois de ter dado como terminada a pintura do seu objecto com uma única cor, a pouco tempo de terminar a oficina insistiu que tinha de sarapintá-lo com várias cores. Este exemplo, há semelhança de outros, revela já a intenção de criar algo seu a partir da sua descoberta pessoal. E quando as crianças modelam pela segunda vez essa transição é ainda mais notável, surgindo recipientes com outras formas, ou ainda outros objectos tridimensionais como barcos, pisa papéis, animais, ou ainda também pendentes e flores.

Depois de modelados, os trabalhos são cozidos no microondas durante alguns segundos para que a massa ganhe alguma consistência, de modo a puderem ser pintados durante a oficina. Durante o processo de cozedura e arrefecimento das peças produzidas, as crianças podem pintar outros objectos que foram modelados previamente pela equipa do Serviço Educativo e que permanecem desde o início da actividade sobre a bancada de trabalho. A presença destes é propositada e tem como objectivo incentivar e comprovar que é possível obter uma forma, e nesse sentido servir também de inspiração para o fazer. No final, as crianças levam os trabalhos consigo e frequentemente trocam impressões sobre o uso que lhes vão dar.

Não há uma sessão igual a outra, e o objectivo é que a actividade seja ela própria um laboratório contínuo de experiências para os participantes, para o monitor e para o

Serviço Educativo. Este dinamismo é imposto pelos grupos que apresentam motivações e ritmos diferentes, exigindo uma adaptação imediata do monitor e da actividade, e é prescrito pelo actual conceito de educação que admite e impõe como condição a experimentação pessoal. O balanço da actividade *Panelas Cantoras* é positivo³, pois permite, por um lado, conhecer as colecções do Museu e, por outro, participar activamente na educação das crianças, mas também dos colaboradores e do próprio Serviço Educativo.

Tal como foi referido no início, a educação consiste na aquisição de conhecimentos e competências que promovem a integração social do indivíduo. Actualmente essa adaptação reivindica aos indivíduos soluções criativas, originais, competitivas, capazes de responder a questões por exemplo no seio profissional. Deste modo, o processo educativo não pode inevitavelmente considerar o indivíduo como um receptáculo, mas deve espoletar nele a integração da sua unicidade, o seu espírito observador, crítico, propenso à experiência e à descoberta de novas ideias e práticas.

Nesse sentido, os métodos e os instrumentos actuais da educação têm que prever abordagens formativas mas de igual modo estimulantes, inovadoras, lúdicas, pessoais, emocionais, apetecíveis de experimentar. O segredo do sucesso da educação, nos termos em que foi apresentada, existe no domínio das artes, mas pode e deve existir em qualquer outro. A criatividade é uma exigência primordial em todos os campos, desde o universo artístico às ciências exactas, e por isso *ela* deve ser utilizada e fomentada em todos os campos disciplinares e vida pessoal. É pois importante alimentar a criatividade nos outros, contudo é de igual modo essencial que cada um saiba desenvolvê-la em si próprio e nas coisas que faz; é preciso sentir-se o desejo da experimentação e o desejo da descoberta para os fazer despertar nos outros. É com este desígnio que o Serviço Educativo do Museu Nacional de Etnologia está empenhado a desenvolver esta vertente da educação em todas as suas actividades, e é dessa forma que procura fazê-lo com o exemplo da iniciativa *Panelas Cantoras*.

³ O SE concebeu uma ficha de avaliação da actividade, sob a forma de questionário, que é dirigida aos professores/educadores que acompanham os grupos escolares, ou aos adultos representantes das famílias (quando as sessões são dirigidas a estas). A ficha sistematiza as características dos visitantes (faixa etária e nível escolar), considera o meio de divulgação através do qual o grupo teve conhecimento da iniciativa e pondera aspectos relativos à visita guiada, à oficina e à relação entre monitor(es) e participantes. A avaliação prevê ainda três campos de resposta livre, nos quais é possível referir "aspectos positivos" e "negativos" da actividade e ainda propor "futuros temas". Algumas sessões são também registadas em suporte fotográfico. Relativamente ao período de estágio dos alunos da Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, todo o processo de planeamento, divulgação, realização e avaliação da iniciativa é alvo de um relatório final, que inclui notas de campo sobre os procedimentos das monitoras e o comportamento das crianças durante a actividade.